Comparar a Europa. O conceito de literatura europeia como fator de integração política

Gabriel Magalhães

No seu último discurso, pronunciado ao Conselho Europeu no dia 16 de dezembro de 2021, David Sassoli exclamava sobre o processo de construção comunitária em curso no nosso continente: «Dovremo innovare in tutti i settori!» (Sassoli 2022a). Esta afirmação entusiástica e inspiradora ecoava outra, já presente no seu discurso de tomada de posse como Presidente do Parlamento Europeu, pronunciado em 3 de julho de 2019: «[...] abbiamo bisogno di riforme, di maggiore trasparenza, di innovazione» (Sassoli 2022b). O presente estudo – que se integra num volume de homenagem a David Sassoli – pretende, ainda que modestamente, inovar, apresentando algumas reflexões e propostas que permitiriam que o conceito de literatura europeia se transformasse numa útil e preciosa ferramenta para o aprofundamento da construção de uma Europa plenamente comunitária.

Na verdade, a construção de uma comunidade de nações no continente europeu – comunidade essa que deveria tornar-se ela mesma uma nova híper-nacionalidade –, tem-se feito sobretudo pela via económica. Como é sabido, começou pelo carvão e o aço, desembocando mais tarde numa moeda: o euro. Se em tempos de prosperidade este motor económico e monetário funcionou bem, em épocas de crise tem-se revelado problemático, porventura insuficiente. Na atualidade, sentimos que uma Europa empobrecida corre o risco de ir deixando de ser europeia, perdendo gradualmente o seu espírito comunitário. Perante esta situação, começou-se a falar na ideia de «Europa Cultural» (cfr. Franco 2012, 9, 12). Trata-se de usar novos cimentos, novas argamassas para a construção de

Gabriel Magalhães, University of Beira Interior, Portugal, gm@ubi.pt

Referee List (DOI 10.36253/fup_referee_list)
FUP Best Practice in Scholarly Publishing (DOI 10.36253/fup_best_practice)

Gabriel Magalhães, *Comparar a Europa. O conceito de literatura europeia como fator de integração política*, © Author(s), CC BY 4.0, DOI 10.36253/979-12-215-0010-3.20, in Michela Graziani, Annabela Rita (edited by), *Europa: um projecto em construção. Homenagem a David Sassoli*, pp. 191-202, 2023, published by Firenze University Press, ISBN 979-12-215-0010-3, DOI 10.36253/979-12-215-0010-3

uma comunidade de nações no nosso continente. Este artigo pretende propor algumas reflexões, sugerir algumas linhas de orientação para o papel que uma literatura europeia assumiria nesse processo.

Serve a literatura para construir a Europa? Poderia ela ter uma utilidade deste tipo? Principiamos por estas perguntas. Com efeito, ao longo do século passado ocorreu uma secreta batalha entre os teóricos que quiseram saber o que era o texto literário em si mesmo, assumindo uma perspetiva e processos 'científicos' – e aqueles pensadores que propunham para destino das letras uma revolução social, dando-lhe pois uma finalidade 'técnica'. Para escolas como a formalista ou a estruturalista, a literatura transformou-se em 'literariedade': uma palavra que pôs os textos dentro de um tubo de ensaio; para outros, o dever do escritor seria transformar a sociedade, constituindo, pois, a obra literária sobretudo um gesto humanista. No rescaldo da revolução de 1974, podemos encontrar um volume que testemunha bem esta tensão essencial (cfr. International Association of Literary Critics 1977).

Exatamente como o projeto socialista se derrubou, do mesmo modo a ideia de uma finalidade social do texto literário foi derrapando até se esvair quase por completo. A deriva da desconstrução e o jogo de espelhos dos estudos de receção transformaram a literatura numa patinagem artística de interpretações diversas. Perdeu-se o sentido da sua finalidade. Ou, por outras palavras: essa finalidade estilhaçou-se num permanente jogo lúdico. Por vezes, fica-se com a impressão de que a obra literária se tornou um brinquedo para o crítico – e a sociedade, enquanto coletividade, ficou sem saber o que fazer dela. Este é um dos motivos, certamente, do progressivo apagamento da presença do objeto literário no sistema de ensino.

Defender que a obra literária pode ter um papel na construção da Europa implica também, pois, regressar ao conceito de utilidade da literatura. Voltamos, por conseguinte, a Horácio e à sua *Epístola aos Pisões*: à célebre ideia de «lectorem delectando pariterque monendo» – enfim, deleitar e ensinar quem lê (cfr. Horácio 1992, 106). Uma lição horaciana que terá infindáveis ecos na história literária do Ocidente, sendo um dos mais ilustres aquele passo de Cervantes, integrado na sua magna obra de 1605, em que um cónego afirma: «el fin mejor que se pretende en los escritos, que es enseñar y deleitar juntamente, como ya tengo dicho» (Cervantes 1982, 543).

E a esta ideia clássica de Horácio, que se transformou numa música de fundo da literatura ocidental, acrescentamos uma outra: o objeto literário possui uma capacidade notável de agregar comunidades humanas – de construir nações. Sabemos isto desde que os israelitas se refugiaram como povo à sombra das muralhas dos seus livros sacros, umas obras que, segundo Northrop Frye, são também literárias[1]. De igual modo gregos e romanos tomaram como bandei-

[1] Esta ideia aparece de modo sintético em Frye 1990, 315-26. A primeira edição desta obra é de 1957. Em trabalhos posteriores, o crítico regressará mais amplamente a esta questão da literariedade da *Bíblia*.

ras os poemas homéricos e a *Eneida*. E à semelhança do povo eleito, das grandes culturas clássicas, as nações europeias também se fortificaram nas cidadelas dos seus maiores livros. *Os Lusíadas, Mensagem, El ingenioso hidalgo D. Quijote de la Mancha* constituem exemplos peninsulares dessas obras que funcionam como catedrais das nacionalidades.

Por conseguinte, se a literatura ajudou a formar comunidades humanas, a dar-lhes solidez e consistência desde há milhares de anos – também o poderá fazer hoje em dia, no caso da Europa[2]. E aqui é importante entrar noutra área da nossa reflexão. O Ocidente passa por um tempo em que acredita demasiado nas imagens. Primeiro foi o cinema, cuja nova beleza, eivada de técnica, não perturbou o nosso equilíbrio cultural. Veio depois, porém, a televisão, que de facto o fez, transformando-se naquilo a que alguns chamaram uma escola paralela (cfr. Porcher 1974)[3]. E a chegada da Internet e do mundo digital elevou ao cubo a presença das imagens na nossa sociedade. Tudo isto parece pôr em causa, de forma dramática, o papel do livro e também o lugar da literatura na vida social.

Começamos a perceber que a maneira como nos entregamos às imagens empobreceu as nossas sociedades. Na verdade, trata-se de fenómenos recentes, que tiveram o seu primeiro grande analista em Marshall McLuhan (cfr. McLuhan 1962)[4]. O certo é que o modo como o Ocidente entra em decadência, ao mesmo tempo que a sua cultura se torna visual – representa um sinal inequívoco das fragilidades dessa visualidade excessiva. Por outro lado, o alto índice de desemprego entre os mais jovens, algo que surge um pouco por toda a Europa, mostra que uma formação com base em imagens não abrirá os mesmos horizontes que um processo educativo assente na palavra. A Europa já percebeu isto e estão a ser gerados programas que tentam contrariar a dimensão excessivamente icónica dos processos sociais e pedagógicos[5].

Encontramo-nos aqui, numa questão aparentemente tão contemporânea, com um debate com milhares de anos. Quando a religião judaica opta por proibir a adoração de imagens (cfr. Êxodo, 20, 4-6), quando o protestantismo vai um pouco na mesma linha[6] – ambas as religiões afirmam o poder da palavra. E o percurso que, a partir de aí, fizeram, foi em boa parte uma história de sucesso. Na atualidade, estamos muito imbuídos dessa ideia feita, quase um chavão, se-

[2] A própria União Europeia reconheceu esse papel através do documento "Promoting the Teaching of European Literature", referido por César Domínguez nas páginas 11 e 12 do seu artigo *Dislocating European Literature(s)*: um trabalho feito no âmbito do projeto de investigação "Europe, in Comparison: EU, Identity and the Idea of European Literature" (cfr. Dominguez 2014).

[3] Tradução portuguesa de Maria da Ascensão Pinheiro (cfr. Pinheiro 1977).

[4] Tradução portuguesa de Leônidas Gontijo de Carvalho e Anísio Teixeira (cfr. Carvalho, e Teixeira 1977).

[5] O programa Ariane é um bom exemplo daquilo que referimos.

[6] A questão do uso das imagens no protestantismo é particularmente complexa. Uma boa síntese pode encontrar-se no artigo de Jérôme Cottin intitulado *La Réforme et les images: origine et actualité* (cfr. Cottin 2004a; Cottin 2004b).

gundo a qual uma imagem vale mais que mil palavras, sem nos lembrarmos de que um único vocábulo, como o simples termo 'mesa', pode servir para designar milhões de realidades materiais diversas. Com a palavra 'mesa', eu consigo nomear, de um modo quase genésico, todas as mesas do mundo inteiro. Tudo indica que, na Europa, nos enganamos ao sobrevalorizar as imagens.

Voltar, pois, ao livro, à literatura e, em concreto, à noção de literatura europeia serviria para revitalizar as nossas sociedades – e também para principiar a cicatrizar as feridas dos erros cometidos. E este é o momento de entrarmos nas objeções mais teóricas, mais estritamente 'científicas' que se podem fazer a este projeto. Em primeiro lugar, surge a questão de sabermos se existe realmente um sistema literário europeu. Poderemos identificar na Europa as «systemic rules» de que fala Torres Feijó? (cfr. Torres Feijó 2011, 2). Na realidade, este mesmo autor nos lança na pista certa quando afirma que a criação de sistemas literários tem muito a ver com decisões sociais, com «mechanisms of struggle, appropriation, and imposition» (Torres Feijó 2011, 7). No fundo, isto recorda-nos que a existência dos sistemas literários é fundamentalmente uma escolha feita por uma comunidade: quando o Brasil resolveu ser independente, também decidiu criar um sistema literário brasileiro. Não é, pois, científica ou teoricamente que as literaturas se justificam a si mesmas, mas sim de uma maneira histórica e cultural.

Se os europeus decidirem que existe uma literatura europeia, seja como sistema literário ou como um sistema de sistemas, a verdade é que a literatura europeia existirá. Do mesmo modo que, em Linguística, é teoricamente impossível distinguir, de um modo definitivo, um idioma de um dialeto[7], de idêntica maneira a afirmação de um sistema literário como realidade autónoma passa mais por uma decisão do que por uma reflexão. Mas a nós o nosso papel de comparatistas obriga-nos a refletir. E existe uma pergunta que inevitavelmente se coloca: como será possível construir um sistema literário com tantas línguas diversas como as que existem na Europa?

Não nos custa admitir a consistência de uma literatura canadiana, com base em dois idiomas, o francês e o inglês. Mas será possível uma literatura europeia que fale estónio, húngaro, finlandês, espanhol e sueco, entre muitos outros idiomas? Colocamos esta pergunta de um modo caricato, para percebermos, na iminência do riso, a complicação deste problema. Contudo, quando falamos em literatura romântica, estamos a referir uma realidade que contém autores que escrevem em alemão, italiano, português, russo… E ao referirmos a literatura surrealista estamos a mencionar um amplo universo que inclui escritores de muitas proveniências linguísticas. Por conseguinte, estas expressões, 'literatura romântica' ou 'literatura surrealista', apontam para entidades literárias que saltam por cima de toda e qualquer fronteira idiomática.

De que modo isso é possível? Pela existência de um espírito comum que subjaz a essas plurais realizações: a alma do romantismo, o impulso do surrealismo

[7] A este propósito, existe a célebre frase de Max Weinreich: «Uma língua é um dialeto com um exército e uma armada» (Weinreich *apud* Dias 2011, 33).

fundem aquilo que antes os idiomas separavam. Nesse sentido, podemos asseverar o seguinte: existirá uma literatura europeia se existir um espírito da Europa, um espírito que, por um lado, parte da nossa decisão de o assumirmos – mas que, ao mesmo tempo, não pode ser desmentido pela materialidade dos textos. Deste modo, essa alma subjacente é, em parte, uma criação, mas sem deixar de constituir também uma realidade. E recorde-se que a literatura é o país em que a mentira e a verdade dão a mão.

Resumindo aquilo que foi dito até aqui, é possível afirmar que a noção de literatura europeia poderá ajudar a construir uma nacionalidade de nacionalidades no nosso continente. Com efeito, o texto literário possui uma particular capacidade de amalgamar pessoas e culturas. Por outro lado, o regresso à palavra, depois do dilúvio de imagens em que temos vivido, revitalizaria as nossas sociedades. A criação de um sistema literário europeu depende da nossa decisão como coletividade, mas só funcionará se efetivamente existir um espírito da Europa, que os textos não neguem, mas confirmem. Neste caso, o mito não é o nada que é tudo. Não poderemos impor a fantasia de uma Europa: podemos, sim, criar essa fantasia com base numa realidade efetiva anteriormente existente.

Chegou agora o momento de pensarmos um pouco no papel que a literatura comparada poderia desempenhar neste processo. Com efeito, o comparatismo, que vive habitualmente nas margens dos estudos literários, teria de assumir agora um papel central. De resto, a literatura comparada, como Li Xia nos refere num brilhante artigo (cfr. Li Xia 2011)[8], tem-se desenvolvido intensamente na China, como uma maneira de a potência asiática pensar, refletir sobre a sua relação com o resto do mundo. Do mesmo modo, torna-se muito interessante conceber uma literatura comparada europeia, que permita ao nosso continente refletir sobre si mesmo enquanto a si mesmo se constrói, edificando-se assim sem pôr de lado uma constante problematização, que é uma das suas maiores riquezas. De resto, a ideia de literatura europeia, como afirma Gerhard R. Kaiser, esteve presente como o primeiro horizonte subjacente da literatura universal enunciada no pensamento de Goethe (cfr. Kaiser 1980)[9].

O que poderia fazer a literatura comparada para nos ajudar a sermos europeus? Em primeiro lugar, tratar-se-ia de descobrir as *sequências* do nosso ser cultural. Porque todos os sistemas literários são *sequências*, com ruturas e continuidades. Ser capaz de definir a sua árvore genealógica é um dos grandes desafios de uma literatura: o êxito ou o fracasso deste trabalho de ascendências e descendências constitui o primeiro teste à sua viabilidade. No caso da literatura portuguesa, ela está cheia de bilhetes de identidade deste tipo, com filiações bem definidas. São aquilo a que chamo *sequências*, como a formada pelo *Cancioneiro Geral* de Garcia de Resende, Sá de Miranda, António Ferreira e Camões. Ou a constituída por Garrett, Herculano, Camilo, Júlio Dinis e Eça de Queirós.

[8] A referência ao interesse chinês na literatura comparada aparece nas pp. 26 e 27.

[9] Tradução portuguesa de Teresa Alegre (cfr. Alegre 1989, 37).

Criar *sequências* europeias é um trabalho fascinante para a literatura comparada: poderemos assim transformar a linha Garcia de Resende, Sá de Miranda, António Ferreira, Camões – numa outra via que seria Petrarca, Garcilaso, Camões, Quevedo. De facto, a Europa é qualquer coisa que tem uma vanguarda, uma cabeça, que primeiro foi a corte carolíngia e os seus sucedâneos, definindo-se então a Europa como Cristandade (cfr. Abreu 2012, 16-8); depois passou para as cidades do Renascimento italiano, a seguir se deslocando para a Península Ibérica, no tempo das Descobertas; posteriormente, a dominância voltou à Europa Central, Países Baixos e à Inglaterra, enquanto os países nórdicos só desempenharão um papel de relevo crucial no século XX. Como estamos a ver, existe um complexo ADN europeu, cujas espirais estão ainda por conhecer – e a literatura comparada ajudar-nos-ia a desvelar toda a arquitetura desta genética histórico-cultural, através dos testemunhos literários[10].

Tal labor realizar-se-ia em grande parte pelo estudo das relações, uma das grandes especialidades do comparatismo. Temos trabalhado no âmbito da literatura comparada ibérica, e é verdadeiramente impressionante o modo como uma realidade cultural se redesenha quando nos debruçamos sobre os diálogos que, entre universos diferentes, aconteceram ao longo dos séculos. Surgem então novos paradigmas: no caso da nossa Península, identifica-se mesmo, segundo Sáez Delgado, um real «ecosistema literario» (Sáez Delgado 2012, 13). Uma coisa é um país visto em si mesmo, e outra esse país em relação, sendo esta novidade de ver tudo em conexão que a crítica comparatista propõe.

No caso europeu, após o estudo dessas interações, a noção de Europa que viria à tona seria muito mais rica do que a atual. Sobretudo os nossos horizontes ficariam revestidos de uma liberdade e de um nível de consciência que, neste momento, infelizmente não possuem. E deve aqui sublinhar-se o carácter multipolar desses estudos relacionais: não se trataria apenas de analisar a influência dos grandes centros sobre as periferias, na linha de um comparatismo que visa afirmar a dominância das literaturas mais poderosas. Também não se optaria apenas pelos estudos das relações entre países próximos, como aqueles que se têm feito, muito meritoriamente, no âmbito ibérico. De facto, poderia também estudar-se o influxo entre países distantes, entre periferias e periferias, como foi feito num interessante trabalho coordenado por Teresa Pinheiro, Beata Cieszynska e José Eduardo Franco (cfr. Pinheiro et al. 2011)[11].

Outra questão é a da definição do cânone da literatura europeia, um cânone que provocou já a aparição de estudos de referência (cfr. Buescu et al. 2012)[12]. Conhecemos bem os problemas que a prática canónica levanta, tratados por críticos como Harold Bloom (cfr. Bloom 1995) ou Douwe Fokkema (cfr. Fokkema 1998). Também neste aspeto defendemos, tal como no aspeto das relações, a prática de

[10] Uma obra que nos pode lançar na pista dessas espirais e desse ADN que na literatura se manifestam é Benoit-Dusausoy, e Fontaine 1992.

[11] Outro trabalho sobre relação entre periferias: Pesti 2011.

[12] Este livro é a edição portuguesa de Antonelli et al. 2012.

uma clara pluralidade. Na linha dos textos antes mencionados, não negamos a existência de grandes obras incontornáveis, como é o caso da *Divina Comédia*, de *Os Lusíadas*, de *El ingenioso hidalgo D. Quijote de la Mancha*, de *Hamlet*, de *Fausto* ou ainda de *Madame Bovary*. Contudo, um esqueleto canónico constituído apenas pelos trabalhos maiores, pelas grandes obras, seria inoperativo.

De facto, um dos fatores mais fascinantes da literatura europeia ao longo dos últimos três séculos tem sido o renascimento de literaturas desaparecidas e a instauração de sistemas literários que ainda não se tinham formado, embora já possuíssem alguma tradição escrita. No âmbito peninsular, pensemos no magnífico reviver da literatura em catalão que, depois dos tempos ilustres de Ramon Llull e de Ausiàs March, tinha mergulhado numa época de trevas; por outro lado, existe o caso da literatura em basco, que só agora forma um sistema com alguma solidez. Como conseguir que estes sistemas, por mais pequenos que sejam, se sintam representados num híper-sistema europeu?[13]

Neste caso, propomos três estratégias paralelas. Em primeiro lugar, sugerimos que o cânone não seja formado apenas pelas grandes obras – mas também por antologias de movimentos. Pensemos, por exemplo, numa coletânea do surrealismo europeu, que seria bem mais representativa do que a escolha de uma só obra, podendo esta recolha coletiva incluir com toda a justiça textos das mais diversas proveniências. Isto é: nem todas as culturas contribuíram com um grande livro para a literatura europeia, mas todas elas certamente nos deram belos poemas, magníficos contos ou brilhantes ensaios. Estas antologias far-se-iam com os pequenos ossos que o esqueleto canónico da Europa terá de possuir se verdadeiramente quiser ser articulado.

Outra estratégia, paralela a esta, passaria pela determinação de que o cânone da Europa possa ser definido a partir de cada país, no momento em que, em cada nação, se lecionasse literatura europeia. Portugal poderia definir que obras do continente são o *seu* cânone dessa mesma Europa, ao passo que a Suécia, a Espanha ou a Itália poderiam selecionar outros textos. Neste labirinto de escolhas, haveria sem dúvida muitos pontos comuns, e ao mesmo tempo uma saudável diversidade. Não nos interessa, pois, uma literatura europeia imposta a partir de cima, como um programa de austeridade, mas sim vivida a partir de baixo, na livre decisão de cada país. Cada nação inventaria a *sua* literatura europeia, e a sobreposição de todas essas invenções desembocaria na consistência de algo concreto.

Do mesmo modo, propomos ainda uma terceira estratégia: trata-se de criar antologias em que a literatura de um país apareça em relação com a dos outros países europeus. Exatamente como na Fundação Calouste Gulbenkian se fez a memorável exposição *Diálogo de Vanguardas*, em que a obra de Amadeo de Souza-Cardoso surgia lado a lado com a criação de outros artistas do seu tempo[14], de

[13] Tem aqui muito interesse referir um volume particularmente sensível à diversidade literária europeia: Aseguinolaza et al. 2010.

[14] A exposição abriu em Novembro de 2006, tendo sido um enorme êxito, com mais de 100.000 visitantes, e dando origem a um catálogo de referência.

idêntica maneira seria muito elucidativo conceber, por exemplo, uma antologia europeia da literatura portuguesa. Num volume deste género, os poemas de Camões apareceriam ao lado dos de Petrarca e de Garcilaso, bem como os nossos trovadores dialogariam com os poetas provençais – e certos poemas pessoanos editar-se-iam a par de uma composição de Shakespeare ou Rimbaud. Tais antologias podiam ser de poesia, mas também de contos, de ensaios, de textos de viagem, não existindo, novamente, um modelo rígido.

Este ponto conduz-nos a outro da maior importância: uma literatura europeia tem de ser obrigatoriamente uma rede de traduções. Por conseguinte, quase que poderíamos afirmar que o idioma da literatura da Europa é precisamente esse – a tradução[15]. De um modo geral, seria desejável que o cidadão do nosso continente falasse pelo menos duas línguas europeias estrangeiras, para além do seu idioma pátrio. Mas, mesmo que cheguemos a uma Europa de utentes de quatro, cinco e seis idiomas, o que não é difícil se pensarmos que o uso de uma língua se pode resumir à sua compreensão oral e escrita, mesmo assim a nossa pátria será, em grande parte, a tradução.

E quem diz tradução – quer dizer compreensão. Não falo apenas de uma técnica, mas também, e muito, de uma atitude generosa de aproximação ao outro. Porque, ao criarmos o híper-sistema literário europeu, não estamos a querer regressar ao velho esquema nacionalista das literaturas de cada país. Não se trata, pois, de fabricar um fechado nacionalismo europeu. Especialistas na área, como Helena Carvalhão Buescu, advertiram-nos da degenerescência deste nacionalismo, em diversos trabalhos (cfr. Buescu 2011)[16]. E é por isso que julgamos da máxima importância, na linha dos tão mencionados estudos de Étiemble (cfr. Étiemble 1963; Étiemble 1974; Étiemble 1988), conceber a literatura europeia como uma realidade porosa. Tanto mais que só assim ela é compreensível.

Com efeito, como entender a literatura da Europa sem a *Bíblia*, que é uma obra do Próximo Oriente? Como compreender a poesia peninsular sem o influxo árabe, proveniente do Norte de África? Seria possível analisar Alberto Caeiro sem Walt Whitman? E o que fazer desse centauro que é a literatura russa, ao mesmo tempo tão europeia, e tão asiática em certos aspetos? O sistema literário europeu deverá tender para a tal literatura-mundo que tem sido sempre o último horizonte dos estudos comparatistas. Não se considere, pois, a nossa proposta como um neonacionalismo, mas sim como um modo generoso de o nosso continente se inserir na globalização, contribuindo para a humanização desta.

Porque, com efeito, esta globalização já não é nossa. Fomos nós que a começámos, há séculos, e como sabemos Portugal teve um importante papel nisso. Contudo, desde meados do século XX, ou até antes, desde a conclusão da Pri-

[15] Concordamos com César Domínguez quando afirma: «But, in contrast to the American case, what one cannot forget is that translation has already founded the very idea of European literature» (Domínguez 2014, 21).

[16] Sobre estas questões, Helena Carvalhão Buescu reflete também na obra *Experiência do Incomum e Boa Vizinhança: Literatura Comparada e Literatura-Mundo* (cfr. Buescu 2013).

meira Guerra Mundial, em 1918, a Europa já não domina o mundo. Foi cedendo esse domínio, numa primeira fase aos Estados Unidos da América, depois também à desaparecida União Soviética – e hoje as rédeas do poder encontram-se muito longe de nós, porventura já nos mares distantes do Extremo Oriente.

Deste modo, falarmos de uma literatura europeia, embora não seja um nacionalismo, no sentido fechado deste termo – não deixa de ser um modo de afirmarmos os nossos valores. O primeiro desses valores é a procura de um mundo melhor no futuro, seja pela via transcendente, seja pelo progresso económico e social. A sociedade europeia foi sempre peregrina, fosse por um caminho de catedrais, fosse pelas autoestradas do desenvolvimento. O mundo atual é um confuso universo de mutações permanentes, com constantes altos e baixos, numa lógica de gráfico de cotação de bolsa, e o resultado é que os europeus se sentem mal nesses tremores de terra económicos e financeiros que derrubam a beleza arquitetónica dos horizontes. Com efeito, a globalização atual vive numa perpétua sucessão de presentes, que são como que um jogo sem fim, e nós somos uma cultura de futuros redentores.

Por outro lado, para nós, europeus, tem uma grande importância o valor do amor e da solidariedade. A nossa história literária é um catálogo quase infinito de paixões e de grandes histórias de fraternidade. Pensemos em *Tristão e Isolda*, mas também em *Os Miseráveis*, em Pedro e Inês, mas também nos romances de Dickens. A fraternidade, quer seja na alta voltagem do amor, quer seja na vivência suave da solidariedade, constitui também um valor europeu de primeira grandeza, bem presente nos nossos textos. É a procura de Ulisses que se continuou pelos milénios fora, em busca de Penélope, sempre rumo à felicidade de Ítaca. A globalização atual pouca importância dá a este sentimentos, e nós, europeus, sentimo-nos por vezes como que desfocados na defesa de ideias que já não se impõem na cruel fotografia do presente.

Um terceiro valor é o da liberdade. Em nenhum continente se lutou tanto por ser livre como no nosso. E essa pugna, esse anseio define-se já, com muita clareza, nos palcos da tragédia. Porque, de facto, como também Shakespeare nos ensinou, o exercício do nosso livre-arbítrio pode conduzir-nos aos nossos maiores demónios. De qualquer modo, apesar de tantas ditaduras e absolutismos que sofremos, tantos Césares e senhores feudais que suportámos, nunca desistimos da liberdade. E este valor entra em conflito, mais uma vez, com uma certa nova escravatura da atualidade.

Poderíamos ainda falar de um quarto valor: a Natureza, que vem da poesia greco-latina, está já bem patente nas *Geórgicas* de Virgílio e chega às églogas e às arcádias, passando depois para as imensas paisagens românticas ou para os recantos da arte realista. Somos uma cultura agasalhada no seu quadro natural, como num regaço materno. Contudo, hoje em dia, o nosso cenário mais querido está a ser posto em causa de modo dramático por uma noção do desenvolvimento como pesadelo progressivo. Todos estes valores, a procura de um mundo melhor, o amor e a solidariedade, a liberdade, o respeito pela Natureza, já não parecem ser prioridades absolutas no mundo atual. Partilhamos estes princípios com o resto do Ocidente, em concreto com os Estados Unidos e o continente

americano, mas cada vez nos sentimos mais esmagados por outra conceção do mundo, que sentimos como estranha e até inimiga.

A todos estes eixos identitários, acrescentaremos um último: a alma contraditória da Europa[17]. De facto, amamos os horizontes do futuro – mas encantamo-nos com o nosso passado, transformando a relação que mantemos com as épocas pretéritas num autêntico culto. Somos o continente do amor e da partilha, e fomos nós que demos origem ao sistema capitalista – e a ferozes modalidades de exploração do homem pelo homem. Lutamos pela liberdade e, porém, com já foi dito, permitimos muitos tipos de opressão. Admiramos a Natureza, mas fomos nós que principiamos a sua sistemática destruição. Esta dimensão contraditória da alma europeia deu lugar a duas guerras mundiais e, antes, a uma história infindável de conflitos bélicos. Por tudo isto, falar do ideal europeu configura um discurso que não pode rasurar as contradições do continente, mas sim tudo fazer para que elas se processem em pacífico diálogo.

Existe, pois, um espírito da Europa, mesmo que esse espírito implique uma dimensão dialógica e paradoxal. Um espírito, que aqui quisemos apenas esboçar[18], e que seria a base real de uma literatura europeia. Uma literatura europeia que já está a ser trabalhada ao nível de muitos dos aspetos de que falámos (estudos de tradução, estudos sobre o cânone…). No entanto, enquanto não se tomar uma firme decisão social e política, que vá muito além de meras intenções genéricas, todo esse trabalho terá tendência a ser marginal. É importante que os nossos responsáveis saibam que, melhor do que comprar e vender a Europa, é compará-la. Isto é, usar o comparatismo e o maravilhoso património literário do nosso continente como uma ferramenta para o futuro. Com iniciativas destas, desenvolvidas na área da cultura, conseguiremos algo que David Sassoli defendeu com veemência num dos seus mais importantes discursos, aquele em que tomava posse como Presidente do Parlamento Europeu: que a Europa não seja «un incidente della Storia» (Sassoli 2022b), mas sim, pelo contrário, uma realidade com um sólido porvir.

Referências bibliográficas

Abreu, L. M. de. 2012. "Idade Média." In *A Europa segundo Portugal: Ideias de Europa na Cultura Portuguesa Século a Século*, eds. J. E. Franco, e P. Calafate, pp. 13-36. Lisboa: Gradiva.

Alegre, T. 1989. *Introdução à Literatura Comparada*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Antonelli, R. et al. 2012, *Letteratura europea – Il canone*. Roma: Grafica editrice Romana.

Aseguinolaza, F. C. et al. 2010. *A Comparative History of Literatures in the Iberian Peninsula*. Amsterdam: John Benjamins.

Benoit-Dusausoy, A., e Fontaine, G. eds. 1992. *Histoire de la littérature européenne*. Paris: Hachette.

[17] Aquilo a que Edgar Morin chama «a dialógica turbilhonaria» (cfr. Morin 1987). Tradução portuguesa de Carlos Santos (cfr. Santos 1988, 100-2).

[18] Para uma reflexão mais aprofundada sobre o espírito da Europa, consultar Enes 2004.

Bloom, H. 1995. *The Western Canon: The Books and School of the Ages*. London: Papermac-Macmillan.

Buescu, H. C. 2011. "Literatura, cânone, ensino." *Revista de Estudos Literários* 1: 59-83.

Buescu, H. C. et al. 2012. *Um Cânone Literário para a Europa*. Vila Nova de Famalicão: Edições Húmus.

Buescu, H. C. 2013. *Experiência do Incomum e Boa Vizinhança: Literatura Comparada e Literatura-Mundo*. Porto: Porto Editora.

Carvalho, L. G. de, e Teixeira, A. 1977. *A Galáxia de Gutenberg: A Formação do Homem Tipográfico*. São Paulo: Companhia Editora Nacional.

Cervantes, M. de. 1982. *El ingenioso hidalgo D. Quijote de la Mancha*, vol. I, ed. J. J. Allen. Madrid: Cátedra.

Cottin, J. 2004a. "La Réforme et les images. Origine et actualité (1)." *Protestantisme Images*. https://www.protestantismeetimages.com/La-Reforme-et-les-images-Origine,45.html (09/22).

Cottin, J. 2004b. "La Réforme et les images. Origine et actualité (2)." *Protestantisme Images*. https://www.protestantismeetimages.com/La-Reforme-et-les-images-Origine,45.html (09/22).

Dias, G.H.M. 2011. "Preconceito linguístico e ensino da língua portuguesa: o papel da mídia e as implicações para o livro didático." In *Textos em Contextos: Reflexões sobre o Ensino da Língua Escrita*, eds. S. M. G. Colello, pp. 29-52. São Paulo: Summus Editorial.

Domínguez, C. 2014 "Dislocating European Literature(s): What's in an Anthology of European Literature?" *Култура/Culture* 3: 9-24. https://www.academia.edu/4118313/Dislocating_European_Literature_s_Whats_in_an_Anthology_of_European_Literature (09/22).

Enes, M.F. 2004. "Ideia de Europa e construção europeia: A propósito do "Preâmbulo" da Constituição." *Cultura: Revista de História e Teoria das Ideias*, IIª. série, 19: 13-36.

Étiemble, R. 1963. *Comparaison n'est pas raison*. Paris: Gallimard.

Étiemble, R. 1974. *Essais de littérature (vraiment) générale*. Paris: Gallimard.

Étiemble, R. 1988. *Ouverture(s) sur un comparatisme planétaire*. Paris: Christian Bourgois.

Fokkema, D. 1998. "La literatura comparada y el problema de la formación del canon." In *Orientaciones en literatura comparada*, ed. D. R. López, 225-49. Madrid: Arco/Libros.

Franco, J.E. 2012. Introdução a *A Europa segundo Portugal: Ideias de Europa na Cultura Portuguesa Século a Século*, eds. J. E. Franco, e P. Calafate, pp. 8-13. Lisboa: Gradiva.

Frye, N. 1990. *Anatomy of Criticism*. Londres: Penguin Books.

Horácio. 1992. *Arte Poética*, ed. bilíngue de R. M. R. Fernandes. Lisboa: Editorial Inquérito.

International Association of Literary Critics. 1977. *IV Congrès de l'Association Internationale des Critiques Littéraires/IV Congress of the International Association of Literary Critics*. Lisboa: Association Internationale des Critiques Littéraires/ Fundação Calouste Gulbenkian.

Kaiser, G. R. 1980. *Einführung in die Vergleichende Literaturwissenschaft*. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft.

Li Xia. 2011. "The Precarious Future of the «Humanities Enterprise»." *Interlitteraria* 16 (1): 20-38.

McLuhan, M. 1962. *The Gutenberg Galaxy: The Making of Typographic Man*. Toronto: Toronto University Press.

Morin, E. 1987. *Penser l'Europe*. Paris: Gallimard.

Pesti, M. 2011. "The Reception of Portuguese-language Literatures in Estonia. The Historical Context." *Interlitteraria*, 16, vol. 2: 607-27.
Pinheiro, M. da A. 1977. *A Escola Paralela*. Lisboa: Livros Horizonte.
Pinheiro, T. et al. 2011. *Peripheral Identities: Iberia and Eastern Europe between the Dictatorial Past and the European Present*. Chemnitz-Warsaw-Glasgow-Madrid-Lisbon: PearlBooks.
Porcher, L. 1974. *L'école parallèle*. Paris: Librairie Larousse.
Sáez Delgado, A. 2012. *Nuevos espíritus contemporáneos: diálogos literarios luso-españoles entre el modernismo y la vanguardia*. Sevilla: Renacimiento.
Santos, C. 1988. *Pensar a Europa*. Mem Martins: Publicações Europa-América.
Sassoli, D. 2022a. "David Sassoli, l'ultimo discorso in Europa: *Innovare, proteggere, diffondere*." *Quotidiano nazionale*. https://www.quotidiano.net/politica/david-sassoli-discorso-1.7236192 (10/22).
Sassoli, D. 2022b. "Il discorso testamento di David Sassoli: *Siate orgogliosi di essere Europei*." *Riparte l'Italia*. https://www.ripartelitalia.it/il-documento-il-discorso-testamento-di-david-sassoli-siate-orgogliosi-di-essere-europei/ (10/22).
Torres Feijó, E. J. 2011. "About Literary Systems and National Literatures." *CLCWeb: Comparative Literature and Culture* 13 (5): 2-8. http://docs.lib.purdue.edu/clcweb/vol13/iss5/4 (09/22).